

Da pré-história à história indígena: (Re) pensando a arqueologia e os povos canoeiros do pantanal¹

Jorge Eremites de Oliveira²

Resumo

Nesta tese de doutorado o autor analisa criticamente a história e a historiografia da arqueologia pantaneira, desde a segunda metade do século XIX até fins do século XX, e aborda o processo de ocupação indígena das *terras baixas* do Pantanal, desde os primeiros pescadores-caçadores-coletores do período pré-colonial até os atuais canoeiros Guató. O objetivo maior é contribuir para a composição de uma história indígena total, em seus múltiplos aspectos e perspectivas espaço-temporais, a partir de uma abordagem interdisciplinar que emprega procedimentos teórico-metodológicos próprios da arqueologia, antropologia e história. Para tanto, foram utilizados dados contidos em fontes textuais diversas, informações recolhidas a partir da tradição oral dos Guató e os resultados de pesquisas arqueológicas, etnográficas e etnoarqueológicas. Foi possível demonstrar que a arqueologia pantaneira tem sido pausada pelo estudo de povos pescadores-caçadores-coletores, associados à ma-

¹ O projeto de pesquisa concluído com a elaboração e defesa da tese de doutorado, aqui resumida e apresentada, contou com apoio financeiro da UFMS, através de uma licença remunerada por 18 meses, e da CAPES, por meio da concessão de bolsa de estudos.

² Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Programa de Pós-Graduação em História, Rua João Rosa Góes nº 1761, Caixa Postal 322, Dourados-MS, CEP 79825-070. E-mail: eremites@terra.com.br.

cro-tecnologia ceramista conhecida no Brasil como *tradição Pantanal* e a estruturas monticulares do tipo aterro, os quais se estabeleceram na região muito antes do início da Era Cristã. Nos dias de hoje, a arqueologia pantaneira reflete as mesmas mudanças de nuança constatadas para a arqueologia brasileira desde a década de 1980. Nos séculos XVI, XVII e XVIII, período de muitas disputas entre Espanha e Portugal pelo domínio do alto Paraguai, foram produzidos vários relatos que atestam a existência de um extraordinário mosaico sociocultural no centro da América do Sul, inclusive de um complexo de povos canoeiros formado por sociedades cultural e linguisticamente distintas. De todas essas sociedades, a dos Guató é a mais conhecida do ponto de vista etnohistórico e etnológico, estando tradicionalmente organizada em grupos domésticos ligados por laços de consanguinidade, descendência e afinidade, relacionados a um particular sistema de patrilocalidade e patrilinearidade.

Palavras-chave: Arqueologia, Guató, História Indígena, Historiografia, Pantanal.

Abstract

In this PhD dissertation the author analyzes critically the history and historiography of the archaeology of the Pantanal area, from the second half of the 19th to end of the 20th, and it aims at studying the process of indigenous occupation of the *low lands* of the region, from the first fishers-hunters-gathers of the pre-colonial period to the current canoeists Guató. The larger objective is to contribute to the composition of an indigenous history, in its multiples aspects and perspectives, starting from an interdisciplinary approach using theoretical-methodological procedures of common to archeology, anthropology and history. Data were drawn from several textual sources, information collected through the Guató oral tradition

and the results of archeological, ethnographic and ethnoarchaeological research. It was possible to demonstrate that the archaeology of the Pantanal area has been ruled by the study of fishers-hunters-gathers people, associated to the series of ceramic styles known in Brazil as *Pantanal tradition* and the mounds, which settled down in the area several centuries before the beginning of the Christian Era. Nowadays, the archaeology of the Pantanal area reflects the same trends that are common to the Brazilian archeology since 1980s. In the 16th, 17th, and 19th centuries, period of many disputes between Spain and Portugal for the control of Upper Paraguay river, several reports were produced that attest the existence of an extraordinary sociocultural mosaic in the center of South America, besides that of a complex of canoeists people formed by cultural and linguistically different societies. Of all those societies, the Guató are best known ethnohistorically and ethnologically, being traditionally organized in domestic groups linked by blood relationships, descent and likeness, related to patrilocality and patrilineal systems.

Keywords: Archaeology, Guató, Indigenous History, Historiography, Pantanal.

Portanto, a primeira coisa que considere aqui é que a arqueologia do leste da América do Sul deve ser vista como a pré-história das populações indígenas históricas e atuais. Se não forem estabelecidas relações entre as manifestações arqueológicas e as populações que as produziram, o mais importante terá se perdido. Assim as conotações etnográficas das tradições e estilos cerâmicos não devem ser evitadas, mas, pelo contrário, deliberadamente perseguidas.

José Joaquim J. Proenza Brochado

Este artigo é uma síntese ampliada da tese de doutorado *Da pré-história à história indígena: (re) pensando a arqueologia e os povos canoeiros do Pan-*

tanal, defendida em 31 de julho de 2002, no Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração em Arqueologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), sob orientação do Prof. Dr. Klaus Peter Kristian Hilbert.

O objetivo do trabalho esteve diretamente relacionado à possibilidade da elaboração de um estudo que pudesse contribuir, substancialmente, para a construção de uma história indígena em seus múltiplos aspectos e perspectivas espaço-temporais, conforme explicado em outras publicações (Eremites de Oliveira, 2001, 2003b). Procurou-se seguir mais ou menos a proposta de José Joaquim J. Proenza Brochado (1984), apresentada em sua conhecida tese de doutorado *An ecological model of the spread of pottery and Agriculture into Eastern South América*, qual seja, a idéia de perceber que as populações indígenas atuais do leste da América do Sul descendem daquelas conhecidas arqueologicamente para o passado pré-colonial. Por isso ele propôs que “[...] as conotações etnográficas das tradições e estilos cerâmicos não devem ser evitadas, mas, pelo contrário, deliberadamente perseguidas” (Brochado, 1984:565), conforme apresentado na epígrafe deste artigo³.

Foi seguindo o referido paradigma que em linhas gerais o presente estudo foi inicialmente pensado, visto que no decorrer das pesquisas a arqueologia também foi percebida como uma forma particular de se estudar a história indígena *lato sensu*. Isso explica o porquê da realização de estudos etnoarqueológicos, etnológicos e etnohistóricos que, ao serem sistematicamente concatenados, possibilitaram melhor compreender a relação entre comportamento humano e registro arqueológico na região do Pantanal.

Em verdade, sem saber sobre o sistema sociocultural de determinados grupos humanos conhecidos historicamente, o especialista em cultura material teria muito mais dificuldades para interpretar os vestígios materiais dos grupos que viveram no passado pré-colonial. Ocorre que em arqueologia as interpretações teóricas são feitas, para mais ou para menos, consciente ou inconscientemente, com base em analogias etnográficas ou históricas diretas e indiretas, quer dizer, por meio de comparações feitas entre o presente etnográfico ou histórico e o passado arqueológico. Isso não significa advogar a tese de que a cultura dos grupos humanos pode permanecer fossilizada no tempo e espaço, pelo contrário. A cultura é aqui entendida como algo verdadeiramente dinâmico e plural. Logo, não há como o arqueólogo estudar as sociedades indígenas de um passado longínquo em detrimento do completo desconhecimento dos grupos atuais.

Dito de outra maneira: é exatamente o conhecimento a respeito dos grupos conhecidos etnográfica e historicamente que possibilita ao arqueólogo levantar hipóteses, propor modelos interpretativos e repensar continuamente as evidências arqueológicas que constituem grande parte dos *documentos* por ele estudado (Eremites de Oliveira, 2004).

Para tanto, além dos aportes da arqueologia *stricto sensu*, tornou-se imprescindível valer-se das contribuições de outras áreas do conhecimento, como a antropologia, a história e as geociências, na perspectiva de contribuir para construção de uma história indígena mais holística e de *longa duração*. Uma história indígena assim *grosso modo* se propõe a cobrir praticamente todas as lacunas espaço-temporais existentes, desde o período pré-colonial até os dias de hoje.

³ O Prof. Dr. José Joaquim J. Proenza Brochado orientou o autor deste trabalho até ser desligado do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS. A partir de seu desligamento a orientação ficou sob a responsabilidade do Prof. Dr. Klaus Peter Kristian Hilbert.

Essa proposta não deve ser confundida, especialmente por parte dos mais afoitos, aqueles se vêem obrigados “a marchar sob alguma bandeira teórica”, como criticou Norman Yoffee (1995:109), com a proposta geral da escola histórico-cultural decadente na arqueologia estadunidense já na década de 1960. Proceder assim seria um contra-senso. Ocorre que conceber a arqueologia como uma forma particular de produzir história indígena não significa, bem entendido, abraçar paradigmas há muito abandonados. Significa, por exemplo, buscar compreender diferentes historicidades nativas a partir de uma perspectiva que possa conjugar aportes processualistas e pós-processualistas, dentre outros, analisando a trajetória de grupos étnicos do passado e do presente. Por isso cumpre aqui citar o que disse o referido arqueólogo em conferência realizada no Brasil, no ano de 1995:

“[...] absorvemos a vantagem da arqueologia processual, especialmente no uso do desenho de pesquisa, métodos quantitativos, ecologia e outras investigações sociais. Nós somos também pós-processualistas, no sentido de que não vemos a ideologia com um epifenômeno, nós examinamos os papéis importantes da mulher e do gênero no passado e estudamos preocupados com a representação do passado de outros povos de uma maneira cripto-colonialista, especialmente em museus e na indústria turística” (Yoffee, 1995:109-110).

Com efeito, ao longo do trabalho procurou-se analisar todo tipo de informação possível, perseguindo deliberadamente a interdisciplinaridade, como propôs Brochado (1984), com o propósito de contribuir para o conhecimento do transcurso dos grupos canoeiros no Pantanal. Esse transcurso teve início com os primeiros pescadores-caçadores-coletores que ali se estabeleceram e vem até os últimos argonautas Guató que vivem no curso inferior do rio São Lourenço, na divisa entre os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, e outros grupos estabelecidos na região pantaneira.

Nessa linha de argumentação, desde o início das pesquisas entendeu-se que não se poderia partir do nada, pois antes da conclusão deste trabalho outros cientistas sociais publicaram os resultados de suas pesquisas arqueológicas, etnológicas ou etnohistóricas a respeito da presença indígena no Pantanal. Por isso, na *Primeira Parte* da tese, Capítulos 1 e 2, consta uma exaustiva e crítica análise sobre o desenvolvimento da arqueologia pantaneira, à luz da história e da historiografia. Um estudo desse nível, embora polêmico para alguns arqueólogos fechados a críticas e ao debate acadêmico, foi de suma importância para a compreensão das idéias publicadas sobre a história indígena pré-colonial daquela que é a maior planície de inundação do globo. Além disso, também foi importante para o entendimento da própria arqueologia brasileira, uma vez que a arqueologia pantaneira não está isolada da disciplina praticada em outras regiões do país e do mundo.

A partir dessa constatação e seguindo o exemplo de vários representantes da nova geração de arqueólogos brasileiros, a qual não está limitada a uma faixa etária, mas a uma postura profissional com afinidades em comum, sobretudo seguindo as propostas de Pedro Paulo A. Funari (1989, 1992, 1994, 1999), foi analisada a arqueologia pantaneira dentro do contexto histórico da própria sociedade em que vivemos. Assim foi possível melhor compreender como determinados modelos interpretativos foram criados, isto é, os caminhos percorridos e os paradigmas utilizados para a construção de certas representações sobre o passado indígena pré-colonial. Essa parte da tese foi a que os membros da banca examinadora mais se detiveram a criticar, em detrimento dos poucos questionamentos apresentados sobre as outras duas. Também foi a que mais gerou polêmica e litígio em relação a certos grupos existentes na arqueologia brasileira, o que já era de se esperar.

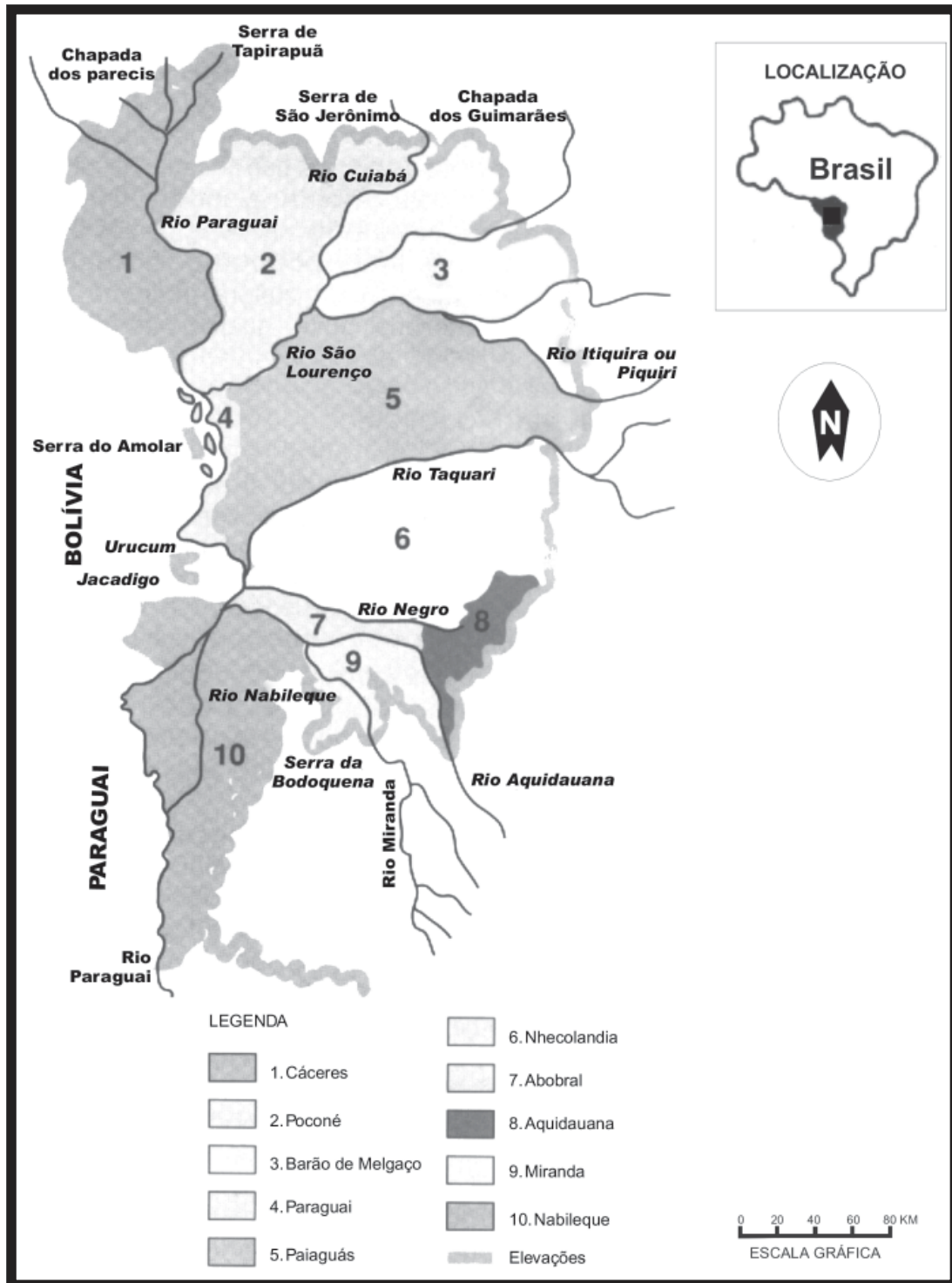


Fig. 01: Mapa com a localização do Pantanal Matopossense e suas sub-regiões ou pantanais. Fonte: Magalhães (1992:17 [modificado]).

De todo modo, como dito antes, a análise foi feita sem desconsiderar o contexto sócio-histórico da época em que os estudos foram realizados. Partiu-se do pressuposto de que não há neutralidade científica na arqueologia, tampouco que os cientistas sociais vivem desligados de seu tempo. Demonstrou-se, por exemplo, que a arqueologia pantaneira não é tão jovem como muitos têm sugerido, em especial alguns membros do Projeto Corumbá⁴. Foi explicado que seu *primeiro momento* teve início em 1875, com o militar João Severiano da Fonseca (1880), logo após o término da guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança (1864-1870). Na época o governo imperial estava definindo ou redefinindo as fronteiras do Brasil com as repúblicas vizinhas do Paraguai e da Bolívia.

Daquele ano até a década de 1980, o etnólogo alemão Max Schmidt, em trabalhos publicados em 1902, 1905, 1912, 1914, 1928, 1940, 1942, 1949, 1951 e 1959, por exemplo, e a etnóloga de origem eslovena Branka J. Susnik, em publicações feitas em 1959, 1961, 1965, 1972, 1975, 1978, 1982, 1984, 1987, 1991, 1992, 1994, 1995, 1996 e 1998, dentre outras tantas, foram os pesquisadores que mais contribuíram para o conhecimento dos grupos indígenas no Pantanal. Eles publicaram vários estudos arqueológicos, etnológicos e etnohistóricos e ministraram aulas e conferências sobre o assunto. Ambos os autores foram influenciados por idéias difusionistas e evolucionistas da época (escola histórico-cultural de origem alemã) e, embora tenham publicado vários trabalhos em países latino e europeus, permaneceram pouco

conhecidos para a maioria dos arqueólogos e antropólogos brasileiros.

Em certos casos houve a estratégia, que está cristalina nos textos publicados por alguns arqueólogos brasileiros que divulgaram seus estudos a partir da década de 1990, em omitir as contribuições dadas por esses dois antropólogos europeus. Em verdade, negou-se o legado deles para poder se apresentar como pioneiros em uma região supostamente *virgem* de pesquisas arqueológicas. Quando muito se fizeram menção a eles sem a apresentação de qualquer discussão sobre o resultado de suas pesquisas. Nada mais incoerente do ponto de vista científico. Exemplo disso está na surpresa com que alguns colegas estão percebendo, hoje em dia, a ocorrência de sítios com pinturas rupestres no Pantanal, como é o caso do Morro do Caracará, algo que Schmidt havia tratado na primeira metade do século passado (vide Schmidt 1914, 1928, 1940a, 1940b, 1942a, 1942b; Eremites de Oliveira & Viana 1999/2000; Eremites de Oliveira 2003a). Essa situação também contribuiu, durante décadas, para que a região do alto Paraguai passasse praticamente despercebida aos olhos de arqueólogos que propuseram modelos explicativos sobre a história indígena pré-colonial platina e sul-americana⁵.

Paradoxalmente, se no Brasil alguns arqueólogos têm omitido o legado de Max Schmidt, a mesma situação não ocorre em outros países, como se pode perceber em uma rápida observação aos recentes trabalhos de Binford (2001) e Politis (2002), apenas para citar dois exemplos.

⁴ O Projeto Corumbá foi um grande projeto interinstitucional de pesquisas arqueológicas e etnohistóricas, sob a coordenação do Prof. Dr. Pedro Ignacio Schmitz, diretor do Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP), estabelecimento ligado à Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. O projeto teve início em 1989, com as investigações preliminarmente realizadas por pesquisadores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Corumbá, atual Campus do Pantanal, e foi concluído em 2001.

⁵ Um ensaio sobre o assunto, escrito em espanhol a partir da primeira parte da tese de doutorado, ganhou o Prêmio Dr^a. Branislava Susnik, versão 2003, no campo dos estudos relevantes à antropologia paraguaia. O prêmio foi ofertado pelo Museo Etnográfico "Andrés Barbero", da Fundación La Piedad, e pelo Centro de Estudios Antropológicos (CEADUC), da Universidad Católica, de Assunção, Paraguai (vide Eremites de Oliveira 2003a).

O início do *primeiro momento* da arqueologia pantaneira atesta uma tomada de consciência sobre a antiguidade dos povos indígenas na região, especialmente dos pescadores-caçadores-coletores que ali construíram estruturas monticulares (aterros) e produziram painéis com arte rupestre (pinturas e inscrições). Significa dizer que a arqueologia pantaneira surgiu de maneira semelhante à arqueologia desenvolvida em outras partes do continente americano, onde desde a época colonial sítios arqueológicos do tipo aterro, também chamados de aterrados, montículos, cerritos, tesos ou mounds, vêm despertando a atenção de muitos exploradores e cientistas sociais. Situação assim aconteceu no vale do Mississipi, no litoral Atlântico da América do Sul, na região amazônica e em outras áreas da própria bacia platina, conforme é amplamente conhecido na literatura.

Contudo, foi em 1989, com o advento das primeiras pesquisas realizadas no âmbito do Projeto Corumbá, que foi inaugurado o segundo momento da arqueologia pantaneira, aquele que vem até os dias de hoje e também reflete as mudanças de nuance registradas na arqueologia brasileira nas duas últimas décadas do século XX (vide, p. ex., Schmitz et al. 1998, 2000a, 2000b). Tais mudanças estão relacionadas a um conjunto de fatores, dentre os quais não se podem ignorar o processo de redemocratização do país e o surgimento de cursos de pós-graduação *stricto sensu*. Mais ainda: essas transformações também foram impulsionadas com o aparecimento de uma nova geração de arqueólogos brasileiros, a qual passou a inovar, e muito, os estudos arqueológicos realizados no país desde a década de 1980. Seus estudos vêm sendo influenciados por novos paradigmas teórico-metodológicos, destacadamente da nova arqueologia ou arqueologia processual e da arqueologia pós-processual (Eremites de Oliveira 2002b, 2005).

Desde esse *segundo momento*, o Pantanal passou a ser alvo de pesquisas no campo da arqueologia moderna, de uma arqueologia desvinculada da procura incerta por objetos isolados, recolhidos para museus nacionais e estrangeiros. Passou a ser dedicada a pesquisas sistemáticas, contínuas e organizadas. Nesse novo momento, as investigações sobre os aterros continuaram sendo o principal objeto de estudo, a *menina dos olhos*, por assim dizer, dos pesquisadores que passaram a divulgar amplamente, tanto no país como no exterior, os resultados de suas investigações.

De todos os projetos desenvolvidos na região, o Projeto Corumbá foi, sem dúvida alguma, aquele que mais contribuições deu para a arqueologia pantaneira, ainda que grande parte de seus estudos tenha sido marcada por um certo determinismo tecno-ambiental de caráter histórico-culturalista. Avalia-se que seu maior legado tenha sido o treinamento contínuo de jovens pesquisadores, os quais concluíram cursos de pós-graduação *stricto sensu* a partir da década de 1990. Alguns deles atualmente estão estudando novos objetos, sob influências de modernas teorias em voga na arqueologia e na antropologia mundiais. Outros, porém, tiveram de migrar para áreas afins, abandonando a arqueologia ou a etnohistória, em busca de melhores oportunidades de trabalho.

Além disso, não se pode esquecer que no âmbito do Projeto Corumbá houve a publicação de dezenas de artigos e algumas monografias, lançando novos aportes a respeito do passado indígena do Pantanal e áreas adjacentes. Os trabalhos de Girelli (1994), Schuch (1995), Eremites de Oliveira (1995a, 1995b), Peixoto (1995), Peixoto & Schmitz (1998), Herberts (1998), Magalhães (1999) e Schmitz et al. (1998) são exemplos bem sucedidos dessa contribuição. Contudo, outros projetos, com menos recursos e menor equipe, também contribuíram para o avanço da arqueologia

regional. Um bom exemplo disso é projeto Ocupação Pré-colonial do Pantanal Matogrossense: Cáceres-Taiamã, sob a coordenação de Maria Clara Migliacio, cujos resultados foram apresentados sob forma de dissertação de mestrado, defendida na Universidade de São Paulo (USP) (vide Migliacio, 2000).

Além da produção de novos conhecimentos, no cômputo geral todos os projetos, de um modo ou de outro, ainda tiveram sucesso no campo da arqueologia pública, principalmente no que se refere à preservação de bens arqueológicos e à socialização de novos conhecimentos científicos. Não se deve esquecer aqui das pesquisas executadas na modalidade de arqueologia por contrato, cada vez mais presente em todo o território nacional, ainda que gerando novos dilemas éticos a serem superados.

Apesar das contribuições apontadas, muito ainda está por ser feito considerando os poucos estudos desenvolvidos na porção pantaneira da Bolívia e do Paraguai. Ainda assim as perspectivas parecem ser animadoras nesses países vizinhos, haja vista a crescente preocupação, especialmente na Bolívia, com a preservação do patrimônio arqueológico existente em áreas diretamente afetadas por obras de engenharia.

A respeito da história indígena pré-colonial das *terras baixas* do Pantanal, analisada na *Segunda Parte* da tese, Capítulos 3, 4 e 5, procurou-se abordar o assunto dentro de uma perspectiva geográfica para além-fronteiras político-territoriais do país, diferentemente do que muitos seguem fazendo no Brasil. Inicialmente apontou-se, com base em estudos paleoambientais e dados arqueológicos em escala supra-regional, que as primeiras ocupações indígenas da região podem recuar ao início do holoceno, ao redor de 11.000 a 10.000 anos atrás, quando grupos pescadores-caçadores-coletores devem ter se estabelecido pela primeira vez na planície pantaneira (vide Eremites de Oliveira, 2003c,

2004). Nessa parte dos trabalhos também consta a defesa da tese de que não há evidências de natureza alguma que possam sustentar a idéia de que o Pantanal teria sido uma área inóspita à instalação de populações indígenas, como sugerido em algumas publicações. Pelo contrário, os argumentos apresentados corroboram a proposição de que aquela região do alto Paraguai, ao menos desde o holoceno, apresenta uma expressiva biodiversidade e oferece uma gama de recursos para grupos adaptados aos ecossistemas locais. Rechaçou-se qualquer estudo que, valendo-se de um determinismo ambiental, tenha interpretado o comportamento dos grupos humanos como estando radicalmente influenciado por aspectos ecológicos, os quais sequer se conhece em profundidade.

Os dados arqueológicos disponíveis na literatura sugerem que a partir do fenômeno climático conhecido como *ótimo climático* ou *altitermal*, sobretudo desde uns 4.500 anos atrás, houve um significativo aumento demográfico na região. Essa situação parece corresponder ao momento em que grupos pescadores-caçadores-coletores intensificaram a ocupação das *terras baixas*, ali construindo várias estruturas monticulares. É provável ainda que a partir do milênio anterior ao início da Era Cristã tenha começado a gradativa formação de um rico mosaico sociocultural no centro da América do Sul. Esse mosaico perdurou até tempos coloniais e foi constituído por grupos canoieiros que lá estavam estabelecidos, além de grupos agricultores, supostamente de origem amazônica, que migraram para o Pantanal por motivos ainda pouco conhecidos.

Ainda foram apresentadas hipóteses que indicam uma antiga incorporação, inicialmente diferencial e anterior a 3.000 AP (anos Antes do Presente), de elementos cerâmicos relacionados a distintos estilos e etnicidades, pertencentes à macro-tecnologia chamada no Brasil de *tradição Pantanal*.

Incorporaram-se ainda novos aportes teóricos para a interpretação dos aterros pantaneiros, a exemplo do que vem acontecendo em vários países americanos, como é o caso do Uruguai. Em resumo, foi feita a argüição de que a compreensão dessas estruturas monticulares é mais complexa do que havia sido pensado até pouco tempo. Explicou-se, por exemplo, que os aterrados não foram apenas construídos e ocupados como resposta a fatores ecológicos regionais, conforme o próprio autor havia defendido em sua dissertação de mestrado e em alguns estudos posteriores (vide Eremites de Oliveira, 1995a, 1995b, 1996). Sua construção requereu o uso de conhecimentos arquitetônicos e a organização do trabalho social, além de fatores ideológicos, relações de poder e estratégias de territorialidade, ou seja, estratégias de domínio da paisagem natural e social dentro de uma visão cognitiva do universo.

Alguns dos maiores montículos conhecidos em várias regiões do Pantanal, inclusive no Paraguai, por exemplo, foram erguidos em pontos estratégicos para o controle de importantes vias fluviais e áreas lacustres. Trata-se provavelmente de um indício de disputas interétnicas por nichos ecológicos com abundantes recursos. Esta situação também está registrada em fontes textuais produzidas na época em que Espanha e Portugal disputavam a região do alto Paraguai, séculos XVI, XVII e XVIII, momento em que as rivalidades interétnicas foram estrategicamente estimuladas pelos conquistadores de além-mar e seus sucessores na América do Sul. Ademais, ter a posse de aterros provavelmente foi motivo de diferenciação social e da existência de hierarquias entre grupos pescadores-caçadores-coletores. Isso demonstra que os grupos não viviam em sociedades frouxas, igualitárias e sem conflitos internos, para citar aqui outro paradigma que precisa ser revisto em estudos mais recentes.

Em tempos coloniais, muitos grupos estavam estabelecidos na região: nas *terras altas* havia aldeias de grupos linguisticamente aruák e guarani e nas *terras baixas* era marcante a presença de grupos canoieiros mencionados nas fontes textuais como Guató, Guasarapo, Payaguá e por outros apelativos. Essa idéia não pressupõe um modelo normativo dos sistemas socioculturais. Sabe-se, no entanto, que grupos canoieiros também ocuparam pontos das *terras altas* e que grupos agricultores igualmente chegaram a se estabelecer nas *terras baixas*. O que deve ficar claro é que os primeiros estavam estabelecidos principalmente nas *terras baixas*, ao passo que os segundos majoritariamente assentados nas *terras altas*, inclusive mantendo contatos inter e extragrupois.

Feitas essas explicações, concluiu-se que do ponto de vista etnohistórico, sobretudo, há fortes razões para acreditar na existência pretérita de um complexo de sociedades canoieiras. Esse complexo emergiu em tempos pré-coloniais e foi desestruturado com a conquista ibérica. Foi marcado por diferenciações sócio-econômicas e políticas, havendo indícios consistentes da existência de desigualdades sócio-econômicas e da concentração do poder político nas mãos de uma minoria. A situação apontada teria sido o resultado da combinação de vários fatores inter-relacionados que favoreceram a existência de hierarquias e da centralização de poderes nas mãos de indivíduos capazes de liderar determinados grupos domésticos, quais sejam:

- Abundância de recursos em algumas áreas e iminência de estresse ambiental em outras, em face de eventuais desequilíbrios entre oferta de recursos e demografia, motivo de grande competitividade por determinados nichos ecológicos, a exemplo das disputas pelos arrozais nativos.

- Pressão demográfica ocasionada por migrações diversas, deslocamentos territoriais e crescimento populacional,

talvez a mais plausível explicação para a existência de um rico mosaico socio-cultural no Pantanal e no Grande Chaco.

– Relações interétnicas mantidas entre os grupos canoieiros e entre eles e outros grupos lingüisticamente guarani e aruák, o que favoreceu em muito a circulação de informações e ideologias diversas, bem como a composição de estratégicas alianças entre grupos vizinhos para o controle, a defesa e talvez a expansão de seus territórios.

– Aquisição de matérias-primas e artefatos variados, incluindo objetos exóticos oriundos de regiões distantes, provavelmente acumulados nas mãos de poucas pessoas capazes de liderar um sistema de intercâmbio e incursões a longas distâncias, além de ataques surpresas a algumas expedições provenientes das zonas andina e sub-andina, bem como às aldeias para onde elas se destinavam.

– Controle da organização do trabalho social relacionado à construção de aterros e à economia de grupos domésticos ligados por laços de consangüinidade, aliança e afinidade.

– Manutenção de índios cativos aprisionados em conflitos bélicos interétnicos.

– Eficazes estratégias de territorialidade associadas à desenvolvida mobilidade estacional em espaços muito bem conhecidos, delimitados e defendidos contra possíveis invasores, o que remete a particulares e distintas formas de organização sócio-espacial.

Esse novo paradigma, inspirado na tese da *complexidade emergente*, introduzida pela primeira vez no Brasil por Tania Andrade Lima, em 1997, tem gerado algumas reações contrárias, em especial entre arqueólogos que, para interpretar a história indígena pré-colonial no Pantanal, seguem fazendo uso

de um determinismo tecno-ambiental⁶. Eles argumentam, diante do que estão percebendo como “novo”, “desconhecido” e até mesmo “ousado”, que ainda é cedo para esse tipo de análise. Em resposta a crítica recebida por um de seus representantes, registra-se aqui que a análise proposta é de fato prematura para aqueles que ainda não perceberam os sistemas socioculturais a partir de uma visão multidimensional. Esses arqueólogos seguem pensando que os dados falam por si mesmos e não admitem, pois, a possibilidade de pensá-los de outra maneira que não seja recorrendo a velhos e ultrapassados modelos evolucionistas e difusionistas.

Em seqüência à proposta de analisar e concatenar dados de natureza variada, com vistas à compreensão da história indígena, na *Terceira Parte* da tese, a última, Capítulos 6 e 7, tratou-se especificamente dos Guató, grupo que há mais de uma década o autor vem estudando. Cumpre dizer, entretanto, que na *Segunda Parte* da tese consta alguns dados sobre os aterros ou *marabohó* construídos e ocupados por esses canoieiros, valendo-se, sobretudo, da *teoria de médio alcance* para tratar do processo de formação dessas estruturas monticulares. A análise desses dados é relevante para uma melhor compreensão desse tipo de estrutura monticular que ocorre na região, repensando continuamente as evidências arqueológicas.

Inicialmente analisou-se, a partir de uma ótica estruturalista, a organização social do grupo dentro de uma perspectiva etnohistórica que privilegiou o sistema de parentesco e as relações sociais, e não apenas a economia. Após apresentar e discutir vários dados etnográficos recolhidos de fontes textuais e obtidos em campo, por meio de observação participante, foi apresentada a seguinte tese: a organização social guató tem sido

⁶ Sobre o tema *complexidade emergente* entre grupos pescadores e coletores, para a elaboração da tese de doutorado valeu-se basicamente dos aportes de Arnold (1992, 1997), Arnold et al. (1997), Lima (2000a, 2000b), López Mazz (1998, 2002) e Lima & López Mazz (2000).

marcada pela existência de famílias nucleares independentes, ao menos do ponto de vista da subsistência, estruturadas em um complexo sistema de patrilocidade, o qual por sua vez sugere a predominância de uma descendência patrilinear. As famílias poderiam ser monogâmicas ou poligâmicas, pois quanto mais esposas, maior o prestígio, a produção doméstica e a rede de alianças mantida pelo homem. Esta constatação também buscou descortinar o papel da mulher guató, há muito omitido por viajantes e etnógrafos.

As informações analisadas possibilitam pensar que em várias regiões do Pantanal, especialmente em áreas de grandes baías como a Gaíva e a Uberaba e rios caudalosos como o Paraguai e o São Lourenço, diversas famílias constituíram parentelas ligadas por laços de consangüinidade, afinidade e reciprocidade. Elas mantiveram grande mobilidade espacial como forma de controle do território e coesão do grupo. Por isso, por séculos os Guató conseguiram manter o domínio sobre um grande território. Além disso, como estratégia de territorialidade essas famílias formaram alianças interétnicas com grupos canoeiros vizinhos, a exemplo dos Guasarapo. Essas alianças, articuladas por indivíduos capazes de liderar grupos locais, foram constituídas em tempos pré-coloniais e perduraram até o período colonial. Serviram como uma espécie de barreira interétnica contra os europeus e diversos grupos inimigos, destacadamente contra os grupos genericamente chamados de Guarani, Mbayá-Guaikuru e Payaguá, conforme está claro nos primeiros relatos produzidos pelos conquistadores de São Paulo nas décadas de 1710 e 1720.

Esse estudo se opõe, portanto, à idéia de que os Guató não constituíram obstáculo algum para os conquistadores ibéricos, contrariando o que há muito vem sendo dito e reproduzido por antropólogos e historiadores que não estudaram

em profundidade a história do grupo (Eremites de Oliveira, 1998).

Apesar de eles não viverem em grandes aldeias, mas dispersos por um território muito bem conhecido e demarcado, mantiveram um mesmo estilo cerâmico, uma mesma língua, uma mesma organização social, enfim, um *modus vivendi* e uma identidade étnica que marcam o *ethos* canoeiro do grupo. Significa dizer que essa forma de organização social também se refletia em sua própria cultura material, a exemplo da capacidade volumétrica das vasilhas cerâmicas conhecidas etnograficamente, cujo tamanho variava de acordo com o número de co-residentes em um assentamento. Essas vasilhas apresentam semelhanças morfológicas com o vasilhame conhecido para a *tradição Pantanal*, o que não significa que com esta afirmação se possa lançar mão de analogias históricas diretas.

Contudo, diante do processo da conquista ibérica e ibero-americana do alto Paraguai, feita, sobretudo, por bandeirantes e monçoeiros de São Paulo e seus sucessores na região, gradualmente houve a diminuição do nível de complexidade da organização sócio-política do Guató. Isso também resultou do desmantelamento de muitas parentelas e diante de um processo de depopulação decorrente de guerras e epidemias. Por conta disso, várias famílias partiram em sua diáspora rumo a direções distintas, porém dando sua contribuição biológica e sociocultural para a formação da população pantaneira atual. Hoje em dia, muitos Guató vêm ressurgindo em várias sub-regiões do Pantanal e mesmo em outros países e estados da federação, conforme noticiado pela mídia brasileira.

No último capítulo da *Terceira Parte*, o Capítulo 7, analisou-se ainda a presença dos Guató no curso inferior do antigo rio dos Porrudos, atual São Lourenço. Comprovou-se a existência um *continuum* desde o século XVI até os últimos descendentes do conhecido João

Casado, João Caetano ou simplesmente Caetano, o último cacique do vale do Caracará. Ele foi o indivíduo com quem Max Schmidt manteve interlocução em 1910, cujos estudos foram publicados em 1914.

Até fins de 1999 havia quatro indígenas na região, distribuídos em dois assentamentos permanentes: um no Morro do Caracará, onde moravam os irmãos José e Veridiano; e outro à margem esquerda do rio São Lourenço, estabelecimento em que viviam Júlia e Vicente, mãe e filho, respectivamente irmã e sobrinho dos dois primeiros. Nesses locais foram realizadas pesquisas etnográficas, etnohistóricas e etnoarqueológicas, tendo por último iniciadas investigações arqueológicas momentaneamente interrompidas. Tratou-se basicamente de alguns assuntos relevantes à interpretação do registro arqueológico, inferindo sobre eventuais continuidades e mudanças no *modus vivendi*, quais sejam: atividades de subsistência, mobilidade espacial, relações com a sociedade envolvente, distribuição no espaço das estruturas existentes nos assentamentos, processos de formação do sítio arqueológico, vida cotidiana, áreas de atividade e cultura material.

Mas hoje em dia a situação é diferente. José faleceu e foi sepultado no Morro do Caracará. Veridiano está muito doente e foi levado para a Ilha Ínsua. O assentamento guató no Morro do Caracará foi abandonado. Júlia (que continua cega por conta de uma catarata) e Vicente ainda estão morando às margens do rio São Lourenço, onde residem a mais de duas décadas. O órgão indigenista oficial, no entanto, nada tem feito para identificar aquele território de ocupação tradicional dos Guató, tampouco tem demonstrado interesse no assunto.

Por tudo isso, acredita-se que este trabalho, composto por três objetos interdependentes e complementares, apresenta relevantes contribuições para um (re) pensar contínuo sobre a presença indígena nas *terras baixas* do Pantanal, especialmente para aqueles pesquisadores ávidos por produzir novos conhecimentos e rever antigos paradigmas e modelos explicativos. Além disso, esta é apenas mais uma etapa das pesquisas no Pantanal. Outros problemas e objetos já estão sendo estudados, desde vez contando com uma equipe maior e uma melhor infra-estrutura, da qual em princípio deverão fazer parte arqueólogos e especialistas de áreas afins.

Referências Bibliográficas

- ARNOLD, J. E. 1992. Complex hunter-gatherer-fishers of prehistoric California: chiefs, specialists, and maritime adaptations of the channel islands. *American Antiquity*, Washington, 57(1):60-84.
- . 1997. Bigger boats, crowded creekbanks: environmental stress in perspective. *American Antiquity*, Washington, 62(2):337-339.
- ARNOLD, J. E. et al. 1997. Contexts of cultural change in Insular California. *American Antiquity*, Washington, 62(2):300-318.
- BINFORD, L. R. 2001. *Constructing frames of reference: an analytical method for archaeological theory building using hunter-gatherer and environmental data sets*. Berkeley, University of California Press.
- BROCHADO, J. J. J. P. 1984. *An ecological model of the spread of pottery and Agriculture into Eastern South America*. PhD Tesis. Urbana-Champaign, University of Illinois at Urbana-Champaign.
- EREMITES DE OLIVEIRA, J. 1995a. *Os argonautas Guató: aportes para o conhecimento dos assentamentos e da subsistência dos grupos que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PUCRS.

- . 1995b. *Os aterros do Rio Grande do Sul: em busca de um modelo de assentamentos e subsistência através da sua comparação com os aterros da Lagoa do Jacadigo, Pantanal Mato-grossense*. Relatório de pesquisa do Programa de Recém-mestre da FAPERGS. São Leopoldo, IAP-UNISINOS/FAPERGS. (não publicado)
- . 1996. *Guató: argonautas do Pantanal*. Porto Alegre, Edipucrs.
- . 1998. Diagnóstico sócio-ambiental da Reserva Indígena Guató – Ilha Ínsua: contribuições de um arqueólogo. *Fronteiras*, Campo Grande, 2(4):103-122.
- . 2001. A história indígena em Mato Grosso do Sul: dilemas e perspectivas. *Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, 2(2):115-124.
- . 2002a. *Da pré-história à história indígena: (re) pensando a arqueologia e os povos canoeiros do Pantanal*. Tese de Doutorado. Porto Alegre, PUCRS.
- . 2002b. A arqueologia brasileira da década de 1980 ao início do século XX: uma avaliação histórica e historiográfica. *Estudos Ibero-americanos*, Porto Alegre, 28(2):25-52.
- . 2003a. Los primeros pasos en dirección a una arqueología pantanera: de Max Schmidt y Branka Susnik hacia otras interpretaciones sobre los pueblos indígenas de las tierras bajas del Pantanal. *Suplemento Antropológico*, Asunción, 38(2):9-72.
- . 2003b. Sobre os conceitos e relações entre etnohistória e história indígena. *Prosa*, Campo Grande, 3(1):39-47.
- . 2003c. Origens do povoamento indígena do Pantanal: aportes para uma nova revisão arqueológica. *Pós-história*, Assis, 11:159-184.
- . 2004. *Arqueologia das sociedades indígenas no Pantanal*. Campo Grande, Editora Oeste.
- . 2005. Por uma arqueologia socialmente engajada: arqueologia pública, universidade pública e cidadania. In FUNARI, P. P. A. *Identidades, discurso e poder: ensaios da arqueologia contemporânea*. São Paulo, Annablume/Fapesp, pp.117-132.
- EREMITES DE OLIVEIRA, J. & VIANA, S. A. 1999/2000. O Centro-Oeste antes de Cabral. *Revista USP*, São Paulo, 44(1):142-189.
- FONSECA, J. S. da. 1880. *Viagem ao redor do Brasil (1875-1878)*. Rio de Janeiro, Typographia de Pinheiro & C., 2v.
- FUNARI, P. P. A. 1989. Brazilian Archaeology and World Archaeology: some remarks. *World Archaeological Bulletin*, 3:60-68.
- FUNARI, P. P. A. 1992. La Arqueología en Brasil: política y academia en una encrucijada. In POLITIS, G. G. (Ed.). *Arqueología en América Latina hoy*. Bogotá, Biblioteca Banco Popular, pp.57-69.
- . 1994. Arqueologia Brasileira: visão geral e reavaliação. *Revista de História da Arte e Arqueologia*, Campinas, 1:23-41.
- . 1999. A importância da teoria arqueológica internacional para a Arqueologia Sul-americana: o caso brasileiro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia (Série Suplemento)*, São Paulo, 3:213-220.
- GIRELLI, M. 1994. *Lajedos com gravuras na região de Corumbá, MS*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo, UNISINOS.
- HERBERTS, A. L. 1998. *Os Mbayá-Guaycuru: área, assentamento, subsistência e cultura material*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo, UNISINOS.
- LIMA, T. A. 2000a. Complexidade emergente entre caçadores-coletores: uma nova questão para a pré-história brasileira. In MENDONÇA DE SOUZA, S. M. F. (Org.). *Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro, SAB. (cd-rom).
- . 2000b. Os construtores de sambaquis: complexidade emergente no litoral sul/sudeste brasileiro. In MENDONÇA DE SOUZA, S. M. F. (Org.). *Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro, SAB. (cd-rom).
- LIMA, T. A. & LÓPEZ MAZZ, J. M. 2000. La emergencia de complejidad entre los cazadores recolectores de la costa atlántica meridional sudamericana. *Revista de Arqueología Americana*, México, 17-19:129-175.
- LÓPEZ MAZZ, J. M. 1994. Uso y organización del espacio en las tierras bajas de la cuenca de la Laguna Merín. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 8(2):181-204.

- . 1998. La construcción de túmulos entre cazadores-coletores complexos del Este de Uruguay: la emergencia de la complejidade entre cazadores-coletores. *Fronteiras*, Campo Grande, 2(4):297-310.
- . 2001. Las estructuras tumulares (cerritos) del litoral atlántico uruguayo. *Latin American Antiquity*, Washington, 12(3):231-255.
- MAGALHÃES, M. L. 1999. *Payaguá: os senhores do rio Paraguai*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo, UNISINOS.
- MIGLIACIO, M. C. 2000. *A ocupação pré-colonial do Pantanal de Cáceres, Mato Grosso: uma leitura preliminar*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP.
- PEIXOTO, J. L. dos S. 1995. *A ocupação Tupiguarani na borda oeste do Pantanal Sul-mato-grossense: maciço de Urucum*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PUCRS.
- . 2002. *A ocupação dos povos indígenas pré-coloniais nos grandes lagos do Pantanal Sul-mato-grossense*. Tese de Doutorado. Porto Alegre, PUCRS.
- PEIXOTO, J. L. dos S. & SCHMITZ, P. I. 1998. A Missão de Nossa Senhora do Bom Conselho, Pantanal, Mato Grosso do Sul. *Pesquisas (Série História)*, São Leopoldo, 30:133-155.
- POLITIS, G. G. 2002. Acerca de la etnoarqueología en América del Sur. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 8(18):61-91.
- SCHMIDT, M. 1902. Die Guató. *Verhandlungen der Berliner Anthropologischen Gesellschaft*, Berlin, 15 Feb., pp.77-89.
- . 1905. *Indianerstudien in Zentralbrasilien. Erlebnisse und ethnologische Ergebnisse einer Reise in den Jahren 1900 bis 1901*. Berlin, Dietrich Reimer.
- . 1912. Reisen in Matto Grosso im Jahre 1910. *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, 44(1):130-174.
- SCHMIDT, M. 1914. *Die Guato und ihr Gebiet. Ethnologische und archäologische Ergebnisse der Expedition zum Caracara-fluss in Matto-Grosso*. *Baessler-Archiv*, Berlin, 4(6):251-283.
- . 1928. Ergebnisse meiner zweijährigen Forschungsreise in Mato-Grosso; September 1926 bis August 1928. *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, 60(1-3):85-124.
- . 1940a. Hallazgos prehistóricos en Matto-Grosso. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, Asunción, 1(5):27-62.
- . 1940b. Nuevos hallazgos de grabados rupestres en Matto Grosso. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, Asunción, 1(5):63-71.
- . 1942a. *Estudos de Etnologia Brasileira: peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901. Seus resultados etnológicos*. Trad. de C. B. Cannabrava. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- . 1942b. Resultados de mi tercera expedición a los Guatos efectuada en el año de 1928. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, Asunción, 5(6):41-75.
- . 1942c. Resultados de minha expedição bienal a Mato-Grosso. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, 14-17:141-285.
- . 1949. Los Payaguás. *Revista do Museu Paulista (Nova Série)*, São Paulo, 3:129-270.
- . 1951. Anotaciones sobre las plantas de cultivo y los métodos de agricultura de los Indígenas sudamericanos. *Revista do Museu Paulista (Nova Série)*, São Paulo, 5:239-252.
- . 1959. *El Sistema de la Etnología: primera parte*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero/Sociedad Científica del Paraguay.
- SCHMITZ, P. I. et al. 1998. Aterros indígenas no Pantanal do Mato Grosso do Sul. *Pesquisas (Série Antropologia)*, São Leopoldo, 54:1-271.
- . 2000a. O Projeto Corumbá, oito anos de pesquisa no Pantanal do Mato Grosso do Sul. In SOUZA, S. M. F. M. de (Org.). *Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Rio de Janeiro, SAB. (cd-rom)
- . 2000b. Arqueologia do Pantanal do Mato Grosso do Sul: Projeto Corumbá. In CAMPOS, T. de S. & RIBEIRO, L. M. M. (Coord.). *Pantanal 2000: Encontro Internacional de Integração Técnico-Científica para o Desenvolvimento Sustentável do Cerrado e Pantanal*. Corumbá, UCDB, pp.141-152.
- SCHUCH, M. E. J. 1995. *Xaray e Chané: índios frente à expansão espanhola e portuguesa no Alto Paraguai*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo, UNISINOS.

- SUSNIK, B. 1959a. Material arqueológico del área alto-paraguayense. *Boletín de la Sociedad Científica del Paraguay y del Museo Etnográfico Andrés Barbero*, Asunción, 3:81-103.
- . 1959b. Notas complementarias. In SCHMIDT, M. *El Sistema de la Etnología: primera parte*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero/Sociedad Científica del Paraguay, pp.129-217.
- . 1961. Clasificación de las poblaciones indígenas del área chaqueña. In SUSNIK, B. J. *Manual de Etnografía Paraguaya*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero, pp.209-212.
- SUSNIK, B. 1965. *El indio colonial del Paraguay. El Guaraní colonial*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero, t.1.
- . 1972a. *Dimensiones migratorias y pautas culturales de los pueblos del Gran Chaco y de su periferia (enfoque etnológico)*. Resistencia, Universidad del Nordeste.
- . 1972b. Dimensiones migratorias y pautas culturales de los pueblos del Gran Chaco y de su periferia (enfoque etnológico). *Suplemento Antropológico*, Asunción, 1-2(7):85-107.
- . 1975. *Dispersión Tupí-Guaraní prehistórica: ensayo analítico*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero.
- . 1978. *Etnología del Chaco Boreal y su periferia (siglos XVI y XVIII)*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero.
- . 1982. *Cultura Material (Guaraníes y Chaquenhos)*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero.
- . 1984. *Guía del Museo: Etnografía Paraguaya*. 9ª ed. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero.
- . 1987. Las características etno-socio-culturales de los aborígenes del Paraguay en el siglo XVI. *Historia Paraguaya*, Asunción, 24:81-103.
- . 1991. *Prof. Dr. Max Schmidt: su contribución etnológica y su personalidad*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero.
- . 1992. *Introducción a las fuentes documentales referentes al indio colonial del Paraguay*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero.
- . 1994. *Interpretación etnocultural de la Complejidad Sudamericana Antigua – I: formación y dispersión étnica*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero.
- . 1995. *Interpretación etnocultural de la Complejidad Sudamericana Antigua – II: el hombre, persona y agente ergológico*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero.
- . 1995. *Chamacocos I: cambio cultural*. 2ª ed., Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero.
- . 1996. *Poblados – Viviendas: manufactura utilitaria (ámbito sudamericano)*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero.
- . 1998a. *Artesanía Indígena*. Asunción, El Lector.
- . 1998b. *Tendencias psicosociales y verbometales Guaycuru-Maskoy-Zamuco: enfoque analítico*. Asunción, Museo Etnográfico Andrés Barbero.
- YOFFEE, N. 1995. Teoria social evolucionária e seus descontentes. Trad. de J. J. P. Brochado. In KERN, A. A. (Org.). *Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Porto Alegre, Edipucrs, 1:107-126.